

Produção musical em contexto cultural como ferramenta de educação ambiental

Producción musical en contexto cultural como herramienta de la educación ambiental

Musical production in cultural context as a tool of environmental education

Robert Luan Borges Negrão¹

Jackelyne Carneiro Correia²

Tec. Ednaldo Gomes e Silva³

Resumo

A identidade cultural em conjunto com a produção musical tem se mostrado uma ferramenta que possibilita a educação ambiental, principalmente no que se diz respeito ao contexto Amazônia, onde o objetivo da construção do trabalho se resumiu na reunião de aspectos culturais, características vegetais e relação entre nomenclatura usual e popular das espécies constituintes das áreas de mangue, situadas na região nordeste paraense. A metodologia se construiu na base bibliográfica e a construção de uma música no ritmo do carimbó. O produto final foi adquirido com êxito trazendo no escopo da música dizeres populares, termos científicos e características edáficas da vegetação de mangue da região como expresso neste trecho, “Com suas grandes raízes, faz-se parecer caminhar, sobre a lama do manguezal” que denota claramente a característica das raízes da espécie Rizhophora.

Palavras-Chave: Carimbó; Cultura; Identidade.

Resumen

La identidad cultural junto a la producción musical se ha mostrado una herramienta que possibilita la educación ambiental, principalmente en lo que se refiere al contexto Amazonia, donde el objetivo de la construcción del trabajo se resumió en la reunión de aspectos culturales, características vegetales y relación entre nomenclatura usual y popular de las especies constituyentes de las áreas de manglares, situadas en la región nordeste paraense. La metodología se construyó en la base bibliográfica y la construcción de una música al ritmo del carimbó. El producto final fue adquirido con éxito trayendo en el alcance de la música palabras populares, términos científicos y características edáficas de la vegetación de manglares de la región como expresado en este pasaje, "Con sus grandes raíces, se hace parecer caminar, sobre el fango del manglar" denota claramente la característica de las raíces de la especie Rizhophora.

Palabras claves: Carimbó; Cultura; Identidad.

Abstract

Cultural identity along with musical production has been presented to be a tool that enables environmental education, especially that concerns the Amazon context, where the objective of the construction of the work was summarized in the reunion of cultural aspects, vegetal characteristics and relation between usual nomenclature and popular species of the constituent species of the mangrove areas, located in the northeastern region of

¹ Graduando em Engenharia Ambiental e Energias Renováveis. Universidade Federal Rural da Amazônia. robertnegrao@gmail.com.

² Graduanda em Biologia. Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: jackelyne.correia16@gmail.com.

³ Gestor Ambiental. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. E-mail: ednaldo.silva@icmbio.gov.br.

Para. The methodology was built on the bibliographic basis and the construction of a song in the rhythm of the carimbó. The final product was successfully acquired by bringing in popular music, scientific terms, and edaphic characteristics of the region's mangrove vegetation as expressed in this passage, "With its great roots, it seems to be walking on the mangrove mud" clearly shows the characteristic of roots of the *Rizophora* species.

Keywords: Carimbó; Culture; Identity.

1. Introdução

Os processos de produção musical são construídos sob o alicerce da inspiração que é concebida através de pequenos detalhes que chamam atenção constituindo um panorama geral (STRAVINSKY, 1996). A criação está por todos os lugares, em cada detalhe que se chama atenção, ao menor aspecto relevante que é disposto, o mesmo integra a produção (ASSIS, 2006).

O contexto Amazônia é cercado por diversas crenças, dizeres e valores, ou seja, reúne uma vasta gama de aspectos culturais, a expressão cultural paraense está diretamente relacionada com a cultura geral amazônica, constituída de expressões ribeirinhas, o caboclo, as relações miscigenam-nas que envolvem o negro, branco e o índio. É um relevo cultural que caminha entre lendas, modos de falar, folclores, danças e ritmos musicais (SILVA et al., 2013).

Na atualidade, a sociedade vem sentindo uma maior necessidade de cuidar mais e melhor do ambiente em que se vive. A Amazônia vem atravessando vários transtornos referidos a antropização, como, desmatamento, queimadas, supressão vegetal, entre diversos eventos deletérios que se imprimem sobre a região, sem contar no âmbito social, onde, se prospera pobreza, miséria, déficit em assistência médica, educacional e redes de drenagem de esgoto. É nítido que este ambiente vem sofrendo várias intervenções que chega de forma maléfica, pois ocasiona a destruição de vastas áreas, do território (FEARNSIDE, 2005; DIAS, 1991; FREIRE, 1996; SILVA et al., 2013).

A ferramenta que desenvolve mudança nas problemáticas expostas acima, é de fato a Educação Ambiental (EA), pois constrói uma dicotomia de poderes, novos paradigmas, fomentando a mudança, tanto em eixo político, quanto em esfera científica. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Brasil insere a EA, no ambiente formal e transversal, como métodos de projetos, ações sociais, produção do ensino em escolas e associações de moradores (SILVA et al., 2013; BRASIL, 1998).

A EA é uma ferramenta que existe para a sensibilização da população sobre os problemas ambientais, muito se pensa em educação ambiental por conta do constante desgaste

que a natureza vem sofrendo, com a constante exploração dos recursos naturais vemos cada vez mais a grande abundância e diversidade se perdendo aos poucos, e com isso se busca criar técnicas e métodos para se facilitar o entendimento da gravidade desses danos ambientais (BRASIL, 1998).

Educação Ambiental pode ser conceituada a partir de diferentes autores e diretrizes, como o exemplo do Ministério do Meio Ambiente (2014) que diz que:

A EA é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2014, p. 23).

Outros conceitos foram criados para um melhor entendimento da EA, onde Loureiro (2004) relata que a Educação Ambiental é uma perspectiva em que se inscreve e se dinamiza na própria educação, formando múltiplas tendências pedagógicas e ambientalistas, que tem no ambiente e na natureza pontos centrais e também de identidade. Em geral argumenta-se que ela vem com uma ferramenta importante para a criação de cidadãos com pensamentos mais críticos e mais inclinados a ideias de preservação e conservação dos recursos naturais já existentes.

Educação Ambiental é um método que dispõe de auxílio à remediação destes malefícios, como descrito no conceito, e pode ser trabalhada de diversas maneiras para que se alcance o objetivo final. Os meios pelos quais pode ser abordada permeiam sobre palestras, mobilizações sociais e práticas lúdicas para o bem viver social. A música, neste contexto chega com um grande potencial, pois a mesma é uma ferramenta de suma importância para difundir diversas ideias, já que é tida como uma forma de identidade, protesto, formação social dentre outros pontos dentro da sociedade (FELIX, SANTANA & JÚNIOR, 2014).

A utilização da música como um objeto de aprendizagem é algo novo e que está sendo cada vez incorporado no contexto atual de inserção de novas técnicas de aprendizagem, que buscam cada mais a difusão da abordagem de educação ambiental.

O uso de recursos didáticos facilita a forma de aprendizado, pois o torna mais prazeroso, e a música vem como um facilitador por permitir com que seja atrelada a cultura local se apropriando de figuras e linguagens típicas da região, tornando-se assim um processo de aprendizagem dinâmico (OLIVEIRA et al., 2015).

A música é muito mais do que uma mera forma de divertimento. Ela é uma importante ferramenta para se trabalhar vastas áreas, pois a sua flexibilidade permite que seja trabalhada

de diversas maneiras, introduzindo-a de forma lúdica e mais leve de ser compreendida, fazendo com que seja absorvida de forma simplificada pelo público.

Uller (2014) complementa dizendo que:

A música permite uma vinculação entre os conteúdos trabalhados com a concepção sonora de cada aluno principalmente quando os conteúdos a serem trabalhados permitem atrelar os elementos auditivos, facilitando a assimilação por ser lúdico tornando o ensino mais prazeroso (ULLER, 2014, p 23).

Os primeiros relatos da existência dos manguezais surgiram no ano de 1500, no período do descobrimento do Brasil, no momento em que Pero Vaz de Caminha relatou a Portugal a existência de uma beleza geográfica rica e abundante na nova terra conquistada. No transcorrer da história do Brasil, diversos cronistas e historiadores relataram em suas anotações a presença uma vegetação lenhosa que formavam bosques as margens dos oceanos sujeitas a sazonalidade das marés, um deles foi Frei Vicente do Salvador em que retrata em seu livro Primeiro – História do Brasil, publicado em 20 de dezembro de 1627 a relação transcrita abaixo (SALVADOR, 1627).

Ao longo do mar, e em algumas partes, muito espaço dentro dele há grandes matas de mangues, uns direitos e delgados de que fazem estas cercas e caibros para as casas. Outros que dos ramos lhes descem as raízes ao lado, e delas sobem outros, que depois de cima lançam outras raízes, e assim se vão continuando de ramos a raízes, e de raízes a ramos, até ocupar um grande espaço, que é coisa de admiração (SALVADOR, 1627, p.7).

Assim como também retrataram no mesmo contexto, José de Anchieta, Macgrave, Piso, Gabriel Soares e Auguste de Saint-Hilaire. É estimado que em cerca de 20 anos obteve uma perda 25% de toda a extensão de manguezais no Brasil, sem que as maiores faixas destruídas do ecossistema se concentram no Nordeste do país (MATTEO FUMI, 2018).

O ecossistema manguezal possui características edáficas, ao que diz respeito de variações de temperatura, taxas de precipitação e sazonalidade de marés. No contexto termológico, a amplitude térmica do manguezal gira em torno de 5° C, seguindo de médias anuais mínimas superiores 15° C e máximas superiores a 20° C. A pluviosidade da região denota uma taxa superior a 1500 mm/ano, sem períodos de seca, a malha pluviométrica acompanha a oscilação de marés que imprime os níveis de salinidade do ecossistema, comportando-se como fator limitante entre a terra firme e o manguezal, e não obstante proporciona a renovação das águas, oxigenação, transporte de nutrientes, dispersão de propágulos (sementes de mangue) e irradiação de larvas e organismos bentônicos (CORREIA; SOVIERZOSKI, 2005).

A importância ecológica do manguezal se dá a partir da manutenção da cadeia alimentar das zonas costeiras, é considerado o principal transformador e sintetizador de matéria orgânica em regiões tropicais (ADAME; LOVELOCKY, 2011). É berçário de diversas espécies de crustáceos e peixes, tanta de fauna marinha, quanto estuarina, ingressando também espécies de peixes de água doce. Dispõe de proteção e alimentação em abundância, advindos da alta taxa de produção de matéria orgânica do ecossistema (CORREIA; SOVIERZOSKI, 2005).

O bosque de mangue é a porção que abrange os portes vegetais, que nutrem e aprisionam o sedimento sobre a influência das águas. O Brasil possui diante de toda zona litorânea um total de seis espécies do gênero *Rhizophora*, representando as espécies *R. mangle*, *R. harrisonii* e *R. racemosa*; o gênero *Laguncularia racemosa* com uma só espécie; *Avicennia*, o gênero que possui as espécies *A. schaueriana* e *A. germinans*. Determinadas respectivamente entre: mangue branco, mangue-vermelho, mangue manso ou tinteiro, mangue verdadeiro, e o mangue-preto (ADEMA, 1984). De acordo com o mesmo autor a área apresenta um perímetro de lama na baixa da maré, período onde as raízes e pneumatóforos (raízes que emergem do solo para possibilitar troca gasosa), ficam dispostos desenhando o cenário do ecossistema (ADEMA, 1984).

Visando um contexto de nomenclatura científica de espécies encontradas em ecossistemas de manguezal, utilizando a música como ferramenta educadora, e principalmente inserindo o ritmo musical que está no ceio da cultura presente no Estado do Pará, sabendo que o manguezal é um dos ecossistemas mais importantes por servirem de berçário para diversas espécies, fora a importância intrínseca do mangue para a proteção de zonas costeiras (MATTEO; FUMI, 2018).

O objetivo da construção do trabalho permeia a reunião de aspectos culturais, características vegetais e relação entre nomenclatura usual e popular das espécies constituintes das áreas de mangue, situadas na região nordeste paraense, região que reúne uma vasta extensão de floresta de mangue conservada no país. Pouco se associa a nomenclatura científica com a que é de hábito usual da comunidade, e isto é o que se busca em atrelar ambas as nomenclaturas, para que ocorra um maior leque de conhecimento em torno disto, associando assim de forma mais forte ambos os usos.

2. Metodologia

A elaboração do trabalho cumpre a missão de uma pesquisa qualitativa, sendo este embasado em revisão bibliográfica a respeito dos temas centrais do artigo: construção

musical, espécies de mangue da região norte, nomes populares das espécies e características ecossistêmicas do manguezal. A música foi produzida sob as rédeas da pesquisa bibliográfica e os parâmetros harmônicos presentes no ritmo do carimbó (Figura 1), que é a identidade cultural e musical do nordeste paraense.



Figura 1: Ritmo do carimbó expressão cultural do Estado do Pará.
Fonte: Hélio Lima.

Como descrita acima, toda a análise da letra está no alicerce da metodologia qualitativa em que segundo o conceito de Martins (2004):

Um rápido olhar pela história da sociologia permite perceber que essa área do conhecimento foi sempre marcada pela necessidade de definir seu objeto com clareza e precisão, bem como de compreender como se aplicam os fundamentos da ciência e os princípios do método científico no campo sociológico (MARTINS, 2004, p. 3).

3. Resultados e Discussão

Pela análise do discurso imprimido na música, teve-se uma abordagem geral e descritiva das espécies de mangue, a respeito das características edáficas das espécies, disposição na zona costeira e principalmente o aspecto cultural do nome popular, que está no ceio das relações sociais da região, como observado no trecho a baixo.

Entrando com o pé na lama...
Na mata de manguezal
Vai se descobrindo a riqueza
E a imensidão do mangal.

Ecossistemas manguezais são conhecidos pelo solo lodoso, inconsolidado, neste

âmbito a primeira abordagem na letra exposta acima, traz consigo informalmente o termo “lama” um tanto comum, porém não usual. Ao decorrer do verso, é incitado a riqueza, vegetação de modo geral e a grandiosidade fechando com um termo popular “mangal”.

Partindo para o segundo verso, a relação estabelecida, engloba o nome popular da espécie *Rhizophora*, o “mangueiro”, reunindo a principal característica das raízes da espécie, como pode observa-se no trecho a baixo. É visível que a espécie que se destaca dentre áreas de mangue é o “mangueiro”, fora a importância ecológica em relação a proteção costeira sobre a sazonalidade das marés, por tanto, tem-se este primeiro enfoque sobre a espécie descrito abaixo no primeiro verso pós-introdução, a partida para o contexto científico/popular da nomenclatura das espécies.

A árvore mais famosa
É o nosso mangueiro
Com suas grandes raízes
Com suas grandes raízes
Faz-se parecer caminhar
Sobre a lama do manguezal
Sobre a lama do manguezal.

A disposição de raízes no manguezal, é um ponto estritamente peculiar desta região representa uma observação marcante de um primeiro impacto, quando se tem contato com o ecossistema. Ao final do segundo verso está disposta uma frase que é empoderada por meio de uma pausa na música, que chama atenção para a conscientização e preservação da espécie, percebido em “*SALVE ! A chamada Rhizophora / O mangueiro tradicional*”.

O refrão da música descrito no verso abaixo busca as atenções para este ecossistema costeiro, expressando a linguagem usual desta região nordeste paraense, seguindo em uma rima característica das músicas de carimbó, ritmo característico da cultura paraense. Esta parte representa a importância cultural e natural do estado do Pará, região rica em diversidade biológica, social, cultural, ambiental, ecossistêmica e econômica.

Vumbora venha ver....
Venha ver, venha ver...
O que a nossa floresta do mangue
Tem para oferecer.

A *Avicennia* é uma espécie de grande porte que constitui as bordas de mangue na zona costeira, possui características peculiares para com as trocas gasosas realizadas pelas raízes. O quarto verso do artigo posiciona o trecho “*Subindo suas raízes para poder respirar*” que imprime a relação dos pneumatóforos, raízes que facilitam a respiração da planta, em que

brotam da terra para que esse processo ocorra. Um outro ponto do verso “É forte e resistente boa para construir”, relata a importância da madeira para a construção de casas na região.

Siriubinha meu amor
Siriubinha meu amor
Morena do manguezal
Morena do manguezal
Subindo suas raízes para poder respirar
Desfilas tão elegante sobre as águas do meu Pará
É forte e resistente boa pra construir
Avicenia só pra ciência
Siriúba que é pra mim.

O nome popularmente dito da espécie *Avicenia* é a “siriúba”, este quarto verso discorre uma relação poética expressando o nome popular e o relacionando uma característica particular que sua coloração mais escura, tanto que sua outra denominação é determinada por “mangue preto”.

No coração do manguezal
Na morada do caranguejo
Quem reina é o mangue branco
O meu saudoso Tinteiro
De onde vem a tinta
Para poder pintar
As ferramentas para pescar.

O caranguejo uçá, espécie de grande valor econômico para os extrativistas, de acordo com Fiscarelli e Pinheiro (2002) esta espécie possui afinidade na vivência próximo ao mangue-branco, que popularmente denomina-se “Tinteiro”, o sexto verso descrito acima, expõe esta relação. Outro ponto importante abordado neste trecho, é o uso desta espécie para tingir as ferramentas de pesca da comunidade, processo realizado por meio da extração do tanino.

Certo dia o cientista me chamou pra
Me dizendo que o tinteiro nos livros se chamava *laguncularia*
Eu olhei pra ele e disse obrigado por me ensinar
Vou contar pra todo mundo, isso a ajuda a preservar

O trecho descrito acima remete a educação da nomenclatura das espécies, como exposto acima a *Laguncularia* tem grande importância ecossistêmica nos ciclos do manguezal, por esse fato é viés de pesquisa científica para muitas entidades, instituições e fundações. O retorno que é perceptível neste parágrafo e diz respeito a pequena conversa e troca de conhecimento entre ambos “personagens”

Pertinho da terra firme na entrada do manguezal
Aflora como botão o arbusto no meu quintal...

Cono... Conocarpus...
É o arbusto do manguezal...
Cono... Conocarpus...
O popular mangue de botão do mangal...

O último verso discorre sobre a espécie que está entre o limite da terra firme e o manguezal, bem próximo da área de apicum, região que divide os dois ecossistemas, o Conocarpus é uma espécie de arbusto que vive nesta área, se transpõe através da letra a relação entre o nome científico, o popular e a principal característica. “*Ei maninho aqui é sem pavulagem/Vem com a gente dançar*”.

O final da música representa de fato a identidade cultural do falar, do dizer do ritmo, a dança que expressa o costume do ribeirinho, do caboclo que vive do mangue, do manguezal, dando viés aos seus frutos, e que acima de tudo cuidando deste ecossistema socioambientalmente, culturalmente e economicamente. A simplicidade do povo paraense mostra sua capacidade e facilidade de lidar com a natureza e seus frutos, com o relevo causado pela urbanização capitalista que cresce a cada dia, se deslocando de grandes centros urbanos até as áreas rurais e costeiras.

4. Considerações Finais

O alvo principal permitiu vincular os valores da produção musical, criação poética em rimas e ritmos paraenses como ferramenta de educação ambiental, mesmo que tão pouco seja ainda difundida em trabalhos acadêmicos. O viés musical se fez possível, por de fato se construir atrelada à identidade cultural de regiões, povos, etnias e como foi expresso ao decorrer dos resultados, a música faz parte sim da essência de um ecossistema.

Conhecer as nomenclaturas populares das espécies que tem uso cotidiano dentro da comunidade, cria um vínculo que facilita o diálogo no que diz respeito a preservação das espécies, conscientização, educação sobre as características físico-químicas e biológicas de cada espécie de mangue, fora a experiência adquirida para o vocabulário dos autores, que irão servir de atuadores dentro da universidade como também em seu meio social.

A experiência da produção musical foi percussor dinâmico entre a nomenclatura usual pela comunidade científica e as comunidades tradicionais que vivem em zonas costeiras vivendo em contato com o manguezal, pois dentre estas comunidades a inclusão de linguagens com teor científico diminuindo a distância dos muros da ciência para o seio das comunidades.

Construir a música em um ritmo musical diferente como o carimbó permitiu um contato maior com a cultura paraense, de todo levantamento bibliográfico, do contato com os grupos musicais que abordam este ritmo, e num panorama geral a experiência serviu de termômetro para a descoberta de novas habilidades, tanto na composição da letra, quanto na criação da melodia.

5. Agradecimentos

O principal agradecimento é ao Laboratório de Geotecnologias, Educação Financeira e Ambiental – LABGEFA, que proporcionou todo o envolvimento com o ecossistema manguezal, como também forneceu toda a estrutura para que fosse construído o trabalho. O primeiro autor agradece também ao Gestor da Reserva Extrativista de Tracuateua – PA, que faz parte também da autoria do artigo, ajudando totalmente na construção dos objetivos e conclusões. Por fim, agradecer também a Líder do Grupo de Pesquisa e Extensão LABGEFA, que possibilitou a participação de todos ao grupo, e apoiou, orientou e alicerçou a amarração das ideias.

Referências

ADAME, Maria Fernanda.; LOVELOCK, Catherine E. (2011). Carbon and nutrient exchange of mangrove forests with the coastal ocean. *Hydrobiologia*, 663(1): 23-50.

ADEMA. 1984. *Levantamento da flora e caracterização dos bosques demangue do estado de Sergipe*. Governo do Estado de Sergipe. Convênios: Finep – Financiadora de Estudos e Projetos, Sudepe – Superintendenciado Desenvolvimento da Pesca e Sudene – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, 1984.134p.

ASSIS, Ana Cláudia de. *Os doze sons e a cor nacional: conciliações estéticas e culturais na produção musical de César Guerra-Peixe (1944-1954)*. 2006. 269 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORREIA, Monica Dorigo; SOVIERZOSKI, Hilda Helena. *Ecossistemas Marinhos: recifes, praias e manguezais*. Maceió: Edufal, 2005.

DIAS, G. F. Os quinze anos da educação da educação ambiental no Brasil: um depoimento. *Em Aberto*. Brasília, v. 10 jan/mar. 1991.

FEARNSIDE, Philip M. Desmatamento na Amazônia Brasileira: história, índices e consequências. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 113-123, 2005.

FÉLIX, G. F. R.; SANTANA, H. R. G.; JÚNIOR, W. O. A música como recurso didático na construção do conhecimento. **Cairu em Revista**, Salvador, v. 4 Jul/Ago, p.17-28, 2014.

FISCARELLI, A. G.; PINHEIRO, M. A. A *Perfil sócio-econômico e conhecimento etnobiológico do catador de caranguejo-açu, ucidescordatus (linnaeus, 1763), nos manguezais de iguarape (24° 41' s)*, SP, Brasil.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCATTO, C. *Educação Ambiental: Conceitos e princípios*. 1 ed. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago., 2004.

METTEO FUMI. Assessor técnico. *ATLAS DOS MANGUEZAIS DO BRASIL*. Brasília: [s.n.], 2018. 176 p. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br>. Acesso em: 02 set. 2018.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Programa Nacional de Educação Ambiental*. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/pronea_3.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2018. 2014.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Conceito de educação ambiental*. Brasil. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental.html>. Acesso em: 12 set. 2018.

SALVADOR, Frei Vicente. Das árvores e ervas medicinais, e outras qualidades ocultas. In; SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador*. 1 ed. [S.I.: s.n.], 1627. Cap. Sétimo, p. 7-7. V.1 Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br>. Acesso em: 07 set. 2018.

SILVA, Leticia Magalhães. BATALHA, Sarah Suely Alves. HORA, Neriane Nascimento da. PONTES, Altem Nascimento. Educação ambiental a partir da valorização da cultura regional do estado do Pará. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental - REMEA*, v. 30, n. 2, p. 290-303, 2013.

STRAVINSKY, Igor. *Poética Musical (em 6 lições)*. Tradução de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

ULLER, Fernando Henrique Da Silva. *A música como recurso didático no ensino de geografia e sua aplicabilidade*. 2014. 42 f. Trabalho de Conclusão de curso (Especialização)- universidade tecnológica federal do Paraná Diretoria de pesquisa e pós-graduação especialização em educação: métodos e técnicas de ensino, Medianeira, 2014.